

THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

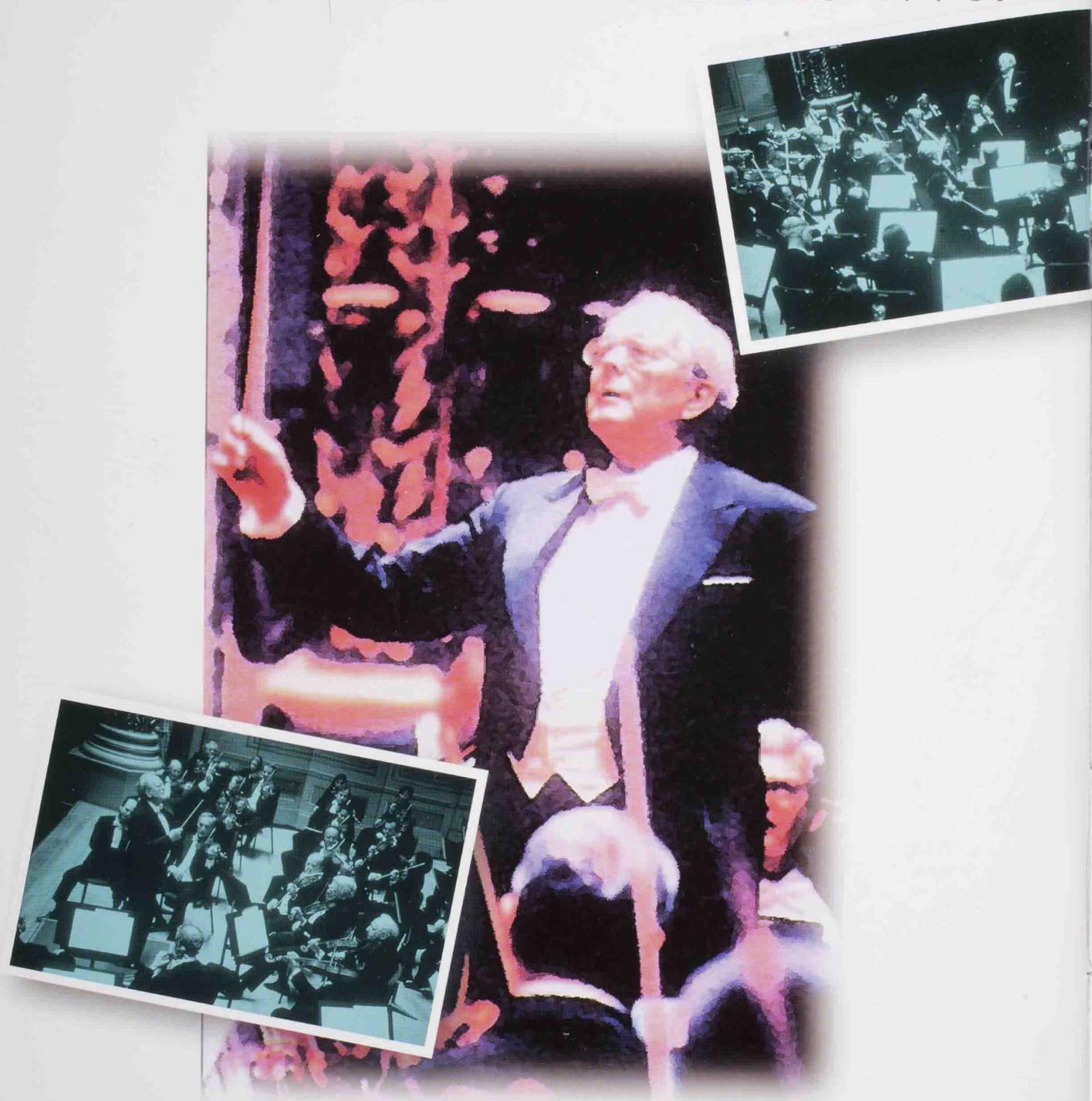
The Philadelphia Orchestra

Wolfgang Sawallisch

Diretor Musical e Regente

Sociedade de Cultura Artística 1998
Concerto Extra-Assinatura

PHILADELPHIA ORQUESTRA TOUR OF THE AMÉRICAS 1998.



A Cigna International, o Excel Econômico e a Amico orgulhosamente
apresentam a turnê pelas Américas da Philadelphia Orquestra.

EXCELCIGNA


EXCEL
ECONÔMICO


CIGNA

 **AMICO**

1998

Concerto Extra-Assinatura

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

apresenta

The Philadelphia
The Philadelphia
Orchestra
Orchestra

Wolfgang Sawallisch
Wolfgang Sawallisch

Diretor Musical e Regente

THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
26 de maio de 1998

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA

MINISTÉRIO
DA CULTURA

promoção

EL DORADO
FM
92.9

patrocínio

EXCEL CIGNA


EXCEL
ECONÔMICO


CIGNA

The Philadelphia Orchestra



Em todas as suas apresentações – nos Estados Unidos e em suas turnês mundiais –, a Orquestra da Filadélfia é sempre festejada pela crítica como uma das melhores orquestras do planeta e acolhida pelo público com o calor e o entusiasmo dispensado apenas àqueles artistas capazes de estabelecer uma comunicação direta, intensa e generosa com os amantes da boa música.

Celebrando em 1998 sua 98ª Temporada, há muitas décadas que a Orquestra da Filadélfia firmou-se como um conjunto esplêndido, de técnica apuradíssima, capaz, simultaneamente, de manter os mais elevados padrões da música sinfônica tradicional e permanecer na linha de frente do novo repertório musical erudito e das novas tecnologias. Com suas turnês nacionais, e suas gravações e concertos para crianças e jovens, os "fabulosos filadelfianos", como são conhecidos nos Estados Unidos, têm sido figuras hegemônicas na vida musical norte-americana; sua reputação internacional, por sua vez, vem sendo continuamente reiterada pelas muitas turnês da Orquestra da Filadélfia na Europa, na Ásia, nas Américas Central e do Sul e na ex-União Soviética.

Além de ter estado à frente das estréias mundiais de obras de Schoenberg, Bartók, Rachmaninoff, Webern, Barber, Harris e Sessions – marcos da música do século XX –, a Orquestra da Filadélfia apresentou também as primeiras audições norte-americanas de obras-primas de Stravinsky, Mahler, Strauss, Berg e Shostakovich. Mas seu pioneirismo não se esgota nesse campo, já que a Orquestra da Filadélfia é detentora também de uma extraordinária coleção de *premières* no que se refere à introdução da música sinfônica nos meios de comunicação de massa: foi a primeira orquestra sinfônica a realizar gravações elétricas, em 1925; a primeira a ter um programa especial de rádio, com patrocínio comercial, em 1929, na *NBC*; a primeira a executar a trilha sonora de um filme, *The Big Broadcast*, em 1937, para a *Paramount Pictures*; a primeira a aparecer em rede nacional de televisão, em 1948, na *CBS*; a primeira orquestra americana a





gravar em *CD* a integral das Sinfonias de Beethoven, em 1988; e a primeira grande orquestra sinfônica do mundo a realizar um concerto ao vivo pela *Internet*, em 1997.

Leopold Stokowski e a Orquestra da Filadélfia entraram para a história do cinema em 1940, quando definiram e interpretaram a trilha sonora do filme *Fantasia*, de Walt Disney, desenho-animado que, provavelmente, fez mais para popularizar a música sinfônica nos Estados Unidos do que qualquer outro filme, programa de rádio, televisão ou disco. Um dos conjuntos que mais turnês mundiais realizaram na história da música no século XX, a Orquestra da Filadélfia foi a primeira Embaixadora Sinfônica Norte-americana na República Popular da China, onde se apresentou com enorme sucesso em 1973.

A posição de destaque e o prestígio de que a Orquestra da Filadélfia desfruta há muitas décadas no cenário mundial da música erudita deve-se, em boa medida, à série ininterrupta de grandes regentes que estiveram à frente do conjunto como seus Diretores Musicais. Quando de sua fundação, em 1900, a Orquestra designou Fritz Scheel como Primeiro Regente; sucedeu-o, em 1907, Carl Pohlig, ex-Diretor Musical da Corte de Stuttgart e assistente do compositor Gustav Mahler. Leopold Stokowski, inglês de origem polonesa, assumiu a Direção Musical da Orquestra da Filadélfia em 1912, posição que conservaria por 24 anos. Ao longo desse período, deu grandeza ao conjunto, contratou os melhores instrumentistas de sua época, propôs e implementou projetos inovadores e promoveu inúmeras primeiras audições, mundiais ou norte-americanas, de obras de Mahler, Sibelius, Rachmaninoff, Schoenberg, Stravinsky, Berg e Scriabin.

Em 1936, o húngaro Eugene Ormandy assumiu a Direção Musical da Orquestra da Filadélfia, mantendo e ampliando seu nível de excelência ao longo dos 44 anos em que esteve à frente de seus músicos. Sob a batuta de Ormandy, a Orquestra realizou inúmeras turnês – que levaram sua estupenda música a diversos países da Europa e da América Latina, e também ao Japão, à Coreia e à China Continental – e registrou cerca de 400 gravações, duas centenas delas disponíveis ainda hoje, em discografia três vezes premiadas com o Disco de Ouro.

Sucedendo a Ormandy, em 1980, o italiano Riccardo Muti firmou a tradição de versatilidade da Orquestra, introduzindo em seu repertório novas obras e composições pouco conhecidas, pinçadas de todos os períodos da história da música. Paladino da música contemporânea, encomendou criações a um grande número de compositores e designou o norte-americano Bernard Rands, vencedor do Prêmio Pulitzer, como o Primeiro Compositor Residente da Orquestra da Filadélfia. Além disso, Riccardo Muti reviveu a tradição operística da Orquestra, apresentando versões de concerto de óperas de Verdi, Puccini e Wagner, dentre outros grandes nomes da música lírica.

Em 1990, a Orquestra da Filadélfia anunciou a nomeação de Wolfgang Sawallisch, alemão natural da cidade de Munique, como seu futuro novo Diretor Musical. Sawallisch assumiu o posto em 1993, depois de trabalhar por 21 anos como Diretor Musical e Geral da Ópera Estatal Bávara de Munique, com a qual se tornou conhecido no mundo inteiro por suas interpretações de Mozart, Strauss e Wagner. Dentre os pontos altos da Direção Musical de Wolfgang Sawallisch destacam-se apresentações do *War Requiem*, de Britten, da versão-concerto de *Ariadne em Naxos*, de Strauss, do Ciclo Integral das Sinfonias de Beethoven, evento que não se dava desde a Temporada de 1936-37, e a participação da Orquestra da Filadélfia na cerimônia de encerramento da Conferência Presidencial de Cúpula sobre o Futuro das Américas. Ao longo de seus cinco anos como Diretor Musical, Sawallisch liderou e regeu a Orquestra da Filadélfia em duas turnês na Europa, duas turnês na Ásia, uma das quais incluiu apresentações na China, as primeiras desde a histórica turnê de 1973, e realizou, ainda, turnês nas Américas Central e do Sul e no Leste dos Estados Unidos.



Wolfgang Sawallisch

Diretor Musical



Em sua quinta temporada como Diretor Musical da Orquestra da Filadélfia, Wolfgang Sawallisch mostra ter conseguido enriquecer e ampliar ainda mais a secular tradição de excelência desse conjunto praticamente lendário na história da música erudita norte-americana. Nascido em Munique, Wolfgang Sawallisch formou-se pela Academia de Música de sua cidade natal e começou sua carreira de regente em 1947, no Teatro da Ópera de Augsburg, onde atuou como preparador de cantores, maestro do coro e regente de balé, ópera e música de concerto. Em 1953, tornou-se o mais jovem maestro a reger a Filarmônica de Berlim, orquestra à qual está ligado até hoje, e a partir desse ano assumiu sucessivas posições como Diretor Musical em Aachen, Wiesbaden e Colônia, numa trajetória que o levaria a ocupar o pódio do Festival de Bayreuth de 1957 a 1962.

Nos anos 60, Wolfgang Sawallisch foi Diretor Musical da Filarmônica de Hamburgo e da Sinfônica de Viena, orquestras que reconheceram sua contribuição homenageando-o com os títulos de Membro e Regente Honorário. Diretor Artístico da *Orchestre de la Suisse Romande* entre 1973 e 1980, Sawallisch esteve à frente também, por mais de 21 anos, da Ópera Estatal Bávara de Munique, como seu Diretor Musical e, nos dez últimos anos de sua gestão nesse teatro, também como Intendente Geral.



Dentre as principais realizações de Wolfgang Sawallisch com a Orquestra da Filadélfia destacam-se: apresentações do *War Requiem*, de Britten; uma temporada completa consagrada a Joseph Haydn; a execução de inúmeras obras de Richard Strauss, inclusive uma versão-concerto de *Ariadne em Naxos*; uma extraordinária e inesquecível *soirée* dedicada a trechos de óperas de Wagner, em que o Maestro substituiu a Orquestra, retida por uma nevasca, acompanhando solistas e coro ao piano; o Festival Beethoven, durante a Temporada 1995-96; e as celebrações do centenário da morte de Brahms, no ano passado. Além disso, e dando continuidade ao tradicional compromisso da Orquestra da Filadélfia com a nova música, o Maestro Sawallisch tem não apenas encomendado novas obras, como também realizado importantes primeiras audições do repertório regular sinfônico e de concerto em Filadélfia. Desde que assumiu a Direção Musical da Orquestra da Filadélfia, em 1993, Sawallisch e a Orquestra têm realizado bem-sucedidas turnês na Ásia, na Europa, nas Américas Central e do Sul e em todos os Estados Unidos.

Sob a batuta de Wolfgang Sawallisch, a Orquestra da Filadélfia realizou inúmeros registros para o selo *EMI Classics*, dentre os quais se destacam: gravações dedicadas à música de Bruckner, Tchaikovsky e Dvorák; um álbum com obras de Paul Hindemith, indicado para o *Grammy Award*; a gravação de transcrições orquestrais de Leopold Stokowski; e um ciclo de quatro álbuns com obras de Richard Strauss.

Por sua gigantesca contribuição à música e às artes, e como sinal da elevada estima de que desfruta no mundo todo, Wolfgang Sawallisch tem sido agraciado com importantes honrarias e distinções, dentre as quais a "Batuta de Ouro Toscanini", a ele atribuída em reconhecimento por seus 35 anos de trabalho no *Scala* de Milão, o título, único, de "Regente Honorário Laureado" da Orquestra NHK de Tóquio, à frente da qual se apresenta como Maestro Convidado desde 1964, e, ainda, o título de "Regente Honorário" da *Accademia Santa Cecilia*, de Roma. Excelente pianista, Wolfgang Sawallisch é apreciadíssimo também como músico de câmara e acompanhador, território musical em que são notáveis suas colaborações com artistas como Dietrich Fischer-Dieskau, Hermann Prey, Peter Schreier, Margaret Price, Thomas Hampson e o *München Residenz Quintet*, dentre outros.



David Bilger

Trompete

Festejado pelo jornal *The New York Times* pelo "brilho natural" de sua música, e aclamado pelo *Washington Post* por seu "atraente *legato*", David Bilger assumiu o posto de Primeiro Trompete da Orquestra da Filadélfia em setembro de 1995, depois de ocupar essa mesma posição na Orquestra Sinfônica de Dallas. Com o sucesso de sua estréia também como solista da Orquestra da Filadélfia, em 1996, Bilger apresenta-se novamente como solista do conjunto durante sua Temporada 1997-98, em concertos no *Carnegie Hall* de Nova Iorque e em turnês, tocando o Concerto para Trompete, de Henri Tomasi.

Ao longo de sua carreira, David Bilger já se apresentou como solista com as Sinfônicas de Dallas, Houston e Oakland, com o *ensemble Concerto Soloists of Philadelphia*, com a *Indianapolis Chamber Orchestra* e com o conjunto *Philharmonia Virtuosi of New York*. Como camerista, tem colaborado com a Sociedade de Música de Câmara do *Lincoln Center*, com a qual gravou o Concerto Brandemburgo nº 2, de Bach, com o *Chamber Music Northwest*, com o *New York Trumpet Ensemble*, com o *Saint Luke's Chamber Ensemble* e com o *Canadian Brass* e o *Empire Brass Ensembles*, com os quais tocou como convidado. Artista de carreira consagrada nos Estados Unidos, Bilger já se apresentou em recitais nas melhores salas de música de Nova Iorque, Washington, Cleveland, Los Angeles e da Filadélfia, dentre outras grandes cidades norte-americanas.

Formado pela *Juilliard School* de Nova Iorque e pela Universidade de Illinois, David Bilger leciona na *Temple University*, no *Curtis Institute of Music* e na Universidade Católica da Filadélfia, e já integrou o corpo docente da *Rice University* e da Universidade do Norte do Texas. O trompetista tem ministrado também concorridas *master classes* em dezenas de instituições de prestígio, dentre as quais as Universidades de Indiana e de Michigan, a *Manhattan School of Music* e o *Peabody Conservatory*.

The Philadelphia Orchestra

Wolfgang Sawallisch, Diretor Musical

TURNÊ LATINO-AMERICANA 1998

PROGRAMA

26 de maio, terça-feira, 21h

Wolfgang Sawallisch, Regente

David Bilger, Trompete

SAMUEL BARBER (1910 - 1981)

Sinfonia nº 1, opus 9

(Movimento único)

HENRI TOMASI (1901 - 1971)

Concerto para Trompete

Allegro

Nocturne

Finale

intervalo

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770 - 1827)

Sinfonia nº 7, em Lá maior, opus 92

Poco sostenuto - Vivace

Allegretto

Presto - Assai meno presto - Presto - Assai meno presto - Presto - Assai meno presto - Presto

Allegro con brio

The Baldwin Piano é o piano oficial de The Philadelphia Orchestra.

The Philadelphia Orchestra grava para os selos EMI, RCA Red Seal, Sony, Decca, Deutsche Grammophon, Delos, Telarc e CBS Masterworks.

A Turnê Latino-Americana 1998 de The Philadelphia Orchestra conta com o patrocínio de CIGNA Corporation, CIGNA International, INA Seguradora S.A. e Golden Cross.



PRÓXIMAS ATRAÇÕES

Dezső Ranki, piano

2 de junho, terça-feira

Haydn: Sonata em Lá bemol maior

Schubert: Momentos Musicais

Debussy: Images I e II

Bartók: Sonata Sz 80

3 de junho, quarta-feira

Programa Schumann

Waldszenen

Humoresque em Si bemol maior

3 Romances

Estudos Sinfônicos

4 de junho, quinta-feira

Haydn: Sonata em Lá bemol maior

Schumann: Estudos Sinfônicos

Debussy: Images I e II

Liszt: Mephistowalz

The Philadelphia Orchestra

TURNÊ LATINO-AMERICANA 1998

Wolfgang Sawallisch, Diretor Musical

André Raphael Smith, Regente Assistente

Luis Biava, Regente *in residence*

Primeiros Violinos

William de Pasquale, *Spalla* designado
Estante-Spalla Dr. Benjamin Rush

Michael Ludwig, *Spalla*-Associado

Nancy Bean, *Spalla*-Assistente

Herbert Light

Barbara Govatos

Barbara Sorlien

Larry Grika

Herold Klein

Vladimir Shapiro

Jonathan Beiler*

Arnold Grossi

Morris Shulik

Hirono Oka

Paul Roby

Kimberly Fisher

Richard Amoroso

Robert Chen

Julia Grayson-Standley**

Segundos Violinos

Luis Biava, Principal

Joseph Lanza, Principal-Associado

Philip Kates, Principal-Assistente

Jerome Wigler

Virginia Halfmann*

George Dreyfus

Louis Lanza

Stephane Dalschaert *

Booker Rowe

Davyd Booth

Paul Arnold

Yumi Ninomiya Scott

Dmitri Levin

Boris Balter

Yayoi Numazawa

Hee-Jin Leem**

Yuy Yuan**

Violas

Roberto Díaz, Principal

Choong-Jin Chang, Principal-Associado

Sidney Curtiss, Principal-Assistente

Judy Geist

Gaetano Molieri

Leonard Bogdanoff

Albert Filosa

Donald R. Clauser

Renard Edwards

Anna Marie Ahn Petersen

Stephen Werczynski

David Nicastro

Violoncelos

William Stokking, Principal

Estante Albert and Mildred Switky

Peter Stumpf, Principal-Associado

Lloyd Smith, Principal-Assistente

Richard Harlow

Gloria de Pasquale*

Kathryn Picht Read

Robert Cafaro

Ohad Bar-David

John Koen Camacho

John Haines-Eitzen

Derek Barnes

Alex Veltman

Contrabaixos

Harold Robinson, Principal

Michael Shahan, Principal-Associado

Neil Courtney, Principal-Assistente

John Hood

Emilio Gravagno

Henry G. Scott

David Fay

Duane Rosengard*

Robert Kesselman

William Tilley**

Periódica e voluntariamente, alguns membros das cordas revezam-se na ordem em que ocupam as estantes.

Flautas

Jeffrey Khaner, Principal

David Cramer, Principal-Associado

Loren N. Lind

Kazuo Tokito, *piccolo*



Oboés

Richard Woodhams, Principal
Estante Oboé-Solista Samuel S. Fels
Peter Smith, Principal-Associado
Jonathan Blumenfeld
Elizabeth Starr Masoudnia, Corne-inglês

Clarinetes

Donald Montanaro, Principal designado
Estante Clarinete-Solista Volunteer Committees
Raoul Querze
Ronald Reuben, Clarineta-baixo

Fagotes

Bernard Garfield, Principal
Mark Gigliotti
Angela Anderson
Holly Blake, Contrafagote

Trompas

Nolan Miller, Principal
David Wetherill, Co-principal
Jeffry Kirschen
Daniel Williams
Shelley Showers
Adam Lesnick **

Trompetes

David Bilger, Principal
Christopher Martin, Principal-Associado
Robert W. Earley
Roger Blackburn

Trombones

Nitzan Haroz, Principal
Tyrone Breuninger, Principal-Associado
Eric Carlson
Blair Bollinger, Trombone-baixo

Tuba

Paul Krzywicki

Tímpanos

Don S. Liuzzi, Principal
Michael Bookspan, Principal-Associado

Percussão

Michael Bookspan, Principal
Anthony Orlando
Thomas Blanchard**

Piano e Celesta

Kiyoko Takeuti

Harpas

Elizabeth Hainen DePeters, Principal
Margarita Csonka Montanaro, Co-principal

* Licenciado

** Substituto

Bibliotecários

Clinton F. Nieweg, Principal
Robert M. Grossman
Nancy M. Bradburd

Equipe de Palco

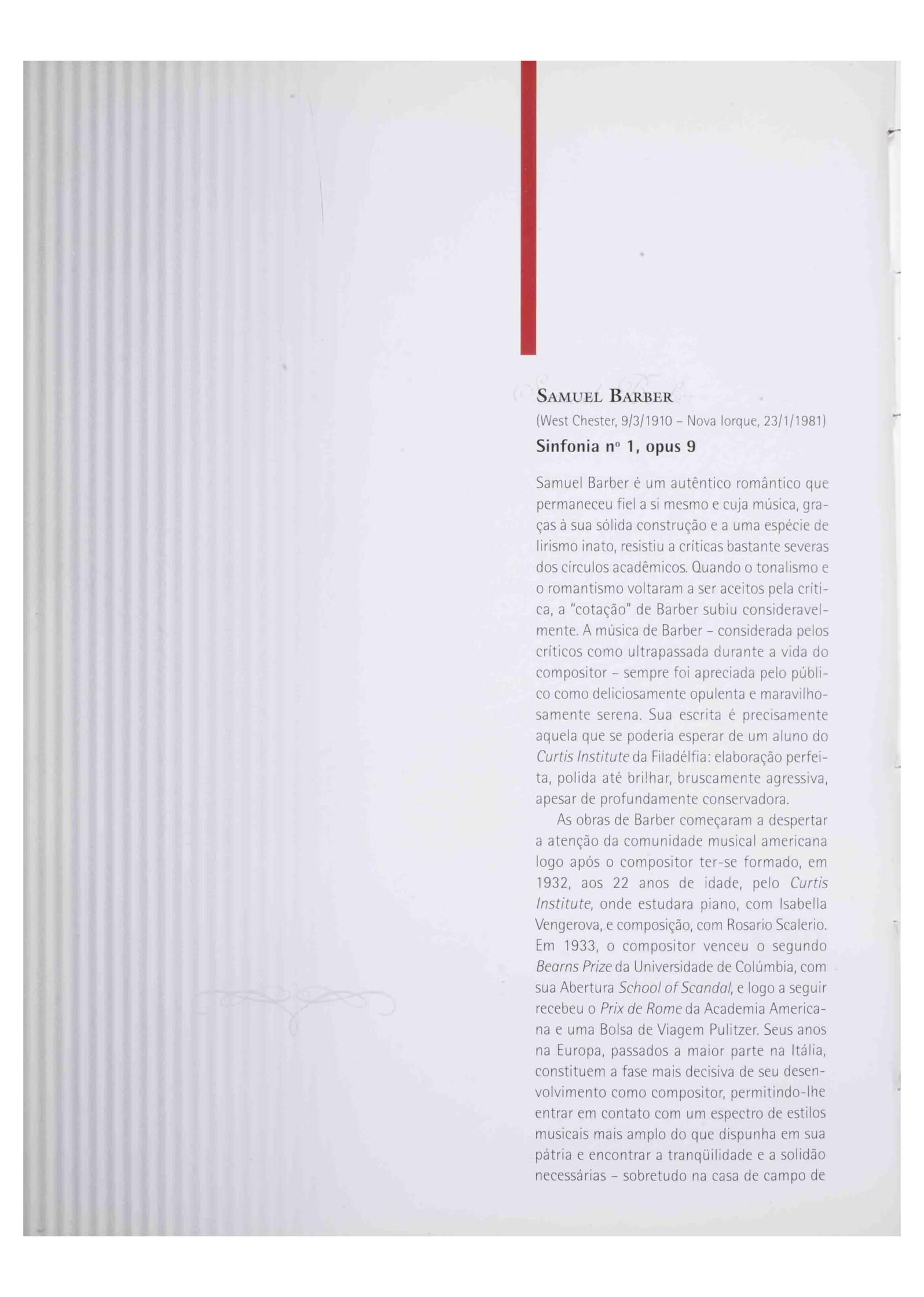
Edward Barnes, Coordenador
James J. Sweeney, Jr.
James P. Barnes

The Philadelphia Orchestra Association

Peter A. Benoiel, Presidente
Robert J. Butera, Vice-Presidente
Carole F. Haas, Vice-Presidente
Beverly A. Harper, Vice-Presidente
Jeremiah P. O'Grady, Vice-Presidente
George M. Ross, Vice-Presidente
Richard L. Smoot, Vice-Presidente
Peter S. Strawbridge, Vice-Presidente
J. Clayton Underclofer, Vice-Presidente
James W. Zug, Vice-Presidente
Joseph H. Kluger, Diretor
David W. Huggins, Secretário
Sra. Frank J. O'Malley, Secretária-Assistente
Michael G. McDonough, Tesoureiro

Joseph H. Kluger
Diretor e Coordenador-Chefe de Operações
Suzanna Bernd
Coordenadora da Orquestra
Andrew Preis
Gerente de Comunicações
Thomas T. Warner
Coordenador de Operações e de Turnês
Simon Woods
Administrador Artístico

Os concertos de *The Philadelphia Orchestra* são subvencionados pela agência federal *The National Endowment for the Arts* e pela agência estadual *Pennsylvania Council on the Arts*.



SAMUEL BARBER

(West Chester, 9/3/1910 – Nova Iorque, 23/1/1981)

Sinfonia nº 1, opus 9

Samuel Barber é um autêntico romântico que permaneceu fiel a si mesmo e cuja música, graças à sua sólida construção e a uma espécie de lirismo inato, resistiu a críticas bastante severas dos círculos acadêmicos. Quando o tonalismo e o romantismo voltaram a ser aceitos pela crítica, a "cotação" de Barber subiu consideravelmente. A música de Barber – considerada pelos críticos como ultrapassada durante a vida do compositor – sempre foi apreciada pelo público como deliciosamente opulenta e maravilhosamente serena. Sua escrita é precisamente aquela que se poderia esperar de um aluno do *Curtis Institute* da Filadélfia: elaboração perfeita, polida até brilhar, bruscamente agressiva, apesar de profundamente conservadora.

As obras de Barber começaram a despertar a atenção da comunidade musical americana logo após o compositor ter-se formado, em 1932, aos 22 anos de idade, pelo *Curtis Institute*, onde estudara piano, com Isabella Vengerova, e composição, com Rosario Scalerio. Em 1933, o compositor venceu o segundo *Bearns Prize* da Universidade de Colúmbia, com sua Abertura *School of Scandal*, e logo a seguir recebeu o *Prix de Rome* da Academia Americana e uma Bolsa de Viagem Pulitzer. Seus anos na Europa, passados a maior parte na Itália, constituem a fase mais decisiva de seu desenvolvimento como compositor, permitindo-lhe entrar em contato com um espectro de estilos musicais mais amplo do que dispunha em sua pátria e encontrar a tranquilidade e a solidão necessárias – sobretudo na casa de campo de

seu grande amigo, Giancarlo Menotti – para despende as longas horas requeridas para a formulação de uma "voz" musical.

Samuel Barber começou a trabalhar nesta peça, que a princípio nomeou "Sinfonia em Um Movimento", em agosto de 1935, completando-a no início do ano seguinte, na França. Seu modelo imediato foi a VII Sinfonia de Sibelius, também construída em quatro movimentos contínuos (no mesmo caderno em que esboçou pela primeira vez os temas desta sinfonia, Barber anotou também os temas principais da peça de Sibelius). Com sua obsessiva seriedade e sua concepção inabalavelmente complexa, a obra inovadora do mestre finlandês era, sem sombra de dúvida, um dos modelos de Barber, ainda que também saltem à vista nesta sua Sinfonia nº 1 semelhanças com a escrita cíclica da IV Sinfonia de Schumann.

Quase imediatamente depois de terminada a obra, o regente italiano Bernardino Molinari pediu para regê-la. Em 1936, Barber escreveria a um amigo: "(Ele) ficou entusiasmado com minha sinfonia"... "acha-a *moderna ma seria*, e foi logo dizendo que a queria em seus programas". Molinari apresentou a obra em primeira audição mundial em Roma, em dezembro de 1936. Os italianos receberam a peça friamente ("na época", anotaria Barber anos depois, "acharam-na demasiado escura, demasiado nórdica e sibeliana"); em compensação, a obra seria calorosamente recebida em sua primeira audição norte-americana, pela Orquestra de Cleveland regida por Rudolf Ringwald, em janeiro de 1937. Artur Rodzinski também tornar-se-ia um entusiasta da peça, executando-a com a Filarmônica de Nova Iorque na primavera daquele mesmo ano, e poucos meses depois a obra seria apresentada no Festival de Salzburgo, tornando-se a primeira composição orquestral de um norte-americano a ser tocada nesse even-

to. O regente Eugene Ormandy inseriu a Sinfonia nº 1 na programação da Orquestra da Filadélfia em dezembro de 1938, ocasião em que Samuel Barber escreveria as seguintes palavras no programa do concerto:

"A Sinfonia em Um Movimento é um tratamento sintético da sinfonia clássica em quatro movimentos. Baseia-se em três temas do *Allegro ma non troppo* inicial, que mantém ao longo de toda a obra seu caráter fundamental. O *Allegro ma non troppo* abre com a habitual exposição de um tema principal, um segundo tema mais lírico e um tema final. Após um breve desenvolvimento dos três temas, em vez da costumeira recapitulação, o terceiro tema, em redução, constitui a base de uma seção em *scherzo (Vivace)*. O segundo tema (oboé com cordas em surdina) aparece então ampliado, num extenso *Andante tranquillo*. Um intenso crescendo introduz o *finale*, que é uma curta *passacaglia* baseada no primeiro tema (introduzida pelos violoncelos e contrabaixos), sobre a qual, juntamente com figuras dos outros temas, o tema final é tecido, servindo assim de recapitulação de toda a Sinfonia".

Em 1942, Barber submeteu a obra a uma profunda revisão, tornando mais rigorosa sua estrutura e substituindo o *scherzo* original por outro completamente novo. Bruno Walter, que apontou a nova versão da peça como uma "obra surpreendente", interpretou-a com a Orquestra da Filadélfia e fez sua primeira gravação comercial. A Sinfonia nº 1 de Barber logo tomou seu lugar, ao lado da III Sinfonia de Harris e da Sinfonia Romântica de Hanson, entre as grandes sinfonias norte-americanas.

Dedicada a Giancarlo Menotti, a Sinfonia nº 1, opus 9, é escrita para *piccolo*, duas flautas, dois oboés, corne inglês, dois clarinetes, clarinete baixo, dois fagotes, contra-fagote, quatro trompas, três trompetes, três trombones, tuba, tímpanos, pratos, bombo, harpa e cordas.





HENRI TOMASI

(Marseille, 17/8/1901 – Paris, 13/1/1971)

Concerto para Trompete

Compositor francês de origem corsa, Tomasi bem cedo se revelou músico promissor, iniciando sua formação em sua Marselha natal. Mais tarde, estudou no Conservatório de Paris, com Paul Vidal, composição, e Pierre Gaubert, regência, e obteve o *Prix de Rome* de 1927. A partir de 1939 serviu na II Grande Guerra e, terminado o conflito, continuou a compor abundantemente. Em 1962, obteve o *Grand Prix de la Musique Française*. Durante toda a sua carreira, manifestou especial interesse em compor para o palco: suas óperas *Miguel de Mañara* (1942), *Le Silence de la Mer* (1959), *Ulysse* (1961) e *L'Élixir du Révérend Père Gaucher* (1962) estão entre as mais importantes obras teatrais francesas do período.

Além de compor, Henri Tomasi foi também regente e conselheiro musical da rede radiofônica internacional *Radio France*. Nos anos 30, desenvolveu trabalho sobre a música étnica do mundo, em particular a música das culturas asiáticas. O interesse do compositor pelo Sudeste Asiático encontrou expressão sobretudo em obras como o balé *Féerie Laotienne* (1939), *Chants Laotiens* (1934), *Concert Asiatique*, para percussão e orquestra (1939), e *Chant pour le Vietnam*, para sopros e percussão (1969). Dentre outras de suas obras orquestrais destacam-se *Tam-Tam* (1931), *Vocero* (1932), *Divertissement Corsico* (1951) e a *Symphonie du Tiers Monde* (1967). Sua produção camerística compreende o *Concert Champêtre*, para oboé, clarinete e fagote, um Trio de Cordas (1952), um Quinteto de Sopros (1952), *Danseuses de Degas*, para harpa e quarteto de cordas (1964), e *La Moresca*, para oito instrumentos de sopro (1965).

Henri Tomasi também foi um prolífico compositor de concertos, assinando 16 obras para grandes solistas franceses do pós-Guerra. Dentre eles destacam-se concertos para flauta (1947), viola (1951), saxofone (1951), trompa (1955), clarinete (1956), trombone (1956), fagote (1958), oboé (1958), violino (1962) e violoncelo (1970), o Concerto para Violão *À la mémoire d'un poète assassiné* (1967) e o Concerto para Trompete, apresentado neste programa.

Composta em 1948, e dedicada ao trompetista Ludovic Vaillant, então Primeiro Trompete da *Orchestre National de France*, a obra teve sua primeira audição mundial em Paris, no ano seguinte, com Vaillant como solista, e foi publicada em 1966. Seus três breves movimentos sucedem-se vivamente, mas sem estardalhaço. A influência de Debussy e, sobretudo, de Ravel é clara, mas também nos faz lembrar, aqui e ali, de Stravinsky. O primeiro movimento (*Allegro*) é construído sobre um admirável motivo inicial – duas semicolcheias, uma tercina ascendente e uma figura pontuada descendente – anunciado pelo solista após um único acorde. O compositor indicou que esse tema inicial deve ser tocado *Scherzando (un peu fantasque) presque comme une cadence*, ou seja, um pouco fantástico, quase como uma cadência. Concebido de forma complexa e exuberantemente orquestrado, esse delicioso movimento atinge o clímax com uma extraordinária cadência, em que o solista é acompanhado por toques e rufos serenos do tambor de corda. O reaparecimento do motivo inicial encerra o *Allegro*.

O segundo movimento (*Nocturne: Andantino*) é marcado por faustosas harmonias e texturas ravelianas. Partindo dos lastimosos temas iniciais, o compositor constrói um clímax suavemente comovente e sensual.

O *Finale* (*Giocoso: Allegro*) é como um Ravel envergando o sobretudo de Poulenc: de uma extravagância ao mesmo tempo buliçosa e exuberante. Além de seu intenso virtuosismo, esse movimento instila seu material compactamente graduado com uma vibração jovial, encerrando-se com surpreendente brusquidão.

O Concerto para Trompete é escrito três flautas (a terceira flauta dobrada pelo *piccolo*), dois oboés, corne inglês, dois clarinetes, dois fagotes, quatro trompas, três trombones, tuba, tímpanos, percussão (pratos, tambor de corda, bloco, triângulo), xilofone, celesta, harpa e cordas. As partituras orquestrais usadas nesta apresentação são alugadas de Theodore Presser, agentes da *Alfonse Leduc et Cie*.

LUDWIG VAN BEETHOVEN

(Bonn, 16/12/1770 – Viena, 26/3/1827)

Sinfonia nº 7, em Lá maior, opus 87

Se devêssemos escolher a obra de Beethoven que melhor sintetizasse sua maturidade artística como sinfonista, provavelmente não optaríamos pela heróica Terceira nem pela fatalista Quinta, e certamente não indicariamos a programática Sexta nem a extensa Nona. Cada uma dessas obras tem um lugar único e preciso na vida e na obra de Beethoven, bem como no mundo da arte. Já a Sétima Sinfonia encarna poucos dos mitos que envolvem Beethoven: não trata do heroísmo, nem do destino, nem da natureza, nem da fraternidade universal. Como a luminosa e festiva Oitava Sinfonia, e composta ao mesmo tempo em que ela, a Sétima hoje nos parece tão generosamente livre de associações extrínsecas quanto seria possível para uma sinfonia do século XIX.

Contudo, nem sempre a obra foi vista dessa maneira, como um simples pináculo da arte sinfônica. Alguns comentadores ouviram na Sétima um pouco de tudo: de uma "dança cam-

ponesa" (Berlioz) a uma "orgia báquica" (Bekker); de uma "masquerade de uma turba ébria de alegria" (Oulibicheff) a uma "divina intoxicação do espírito" (Newman). Richard Wagner, em seu estilo bombástico, assim poetiza sobre a Sétima: "Todo o tumulto, todo o anseio e toda a tormenta do coração tornam-se aqui a bem-aventurada insolência da alegria, que nos arrasta com poder orgiaco através das vastidões da natureza, através de todos os rios e mares da vida, bradando com jubilosa consciência de si, assim como fazemos soar pelo universo afora a música arrojada desta humana dança das esferas. A Sinfonia é a própria Apoteose da Dança: é a Dança em seu mais elevado aspecto, o mais alto feito do movimento corporal, constituído num molde sonoro ideal".

É interessante notar como muitas das reações à Sétima são associadas à dança, à embriaguez e à celebração. Sem dúvida, os difusos "germes" rítmicos que percorrem a peça contribuem para a sensação de dança; no entanto, para além disso, muitos ouvintes perceberam um profundo sentido de alegria (quem sabe, de ébria alegria) ao longo da Sétima, uma espécie de euforia intrínseca que não é facilmente explicável à luz da biografia de Beethoven.

A obra foi iniciada em 1811, portanto não muito tempo após terem-se frustrado as expectativas do compositor com relação a seu casamento com Thérèse Malfatti – provavelmente a mulher com quem mais se comprometera –, que se negou a lhe conceder a mão. Com a saúde abalada, aos quarenta anos de idade, o compositor retirou-se para Teplice, uma estação de águas da Boêmia, em meados de 1811, e ao voltar a Viena no inverno daquele ano tornou a debruçar-se sobre a Sétima, com renovado vigor. O fato de que Beethoven, diante da doença e da rejeição, tenha sido capaz de compor uma obra tão repleta de otimismo é prova de sua decisão





de dar as costas às coisas do mundo e consagrar a vida à sua arte e às esperanças que nela depositava.

Completada em abril de 1812, a Sétima só foi executada em dezembro do ano seguinte, em concertos na Universidade de Viena cujo programa incluía também a célebre "Vitória de Wellington". Anton Schindler, um dos primeiros biógrafos de Beethoven, relata que a apresentação do dia 8 de dezembro foi "um dos momentos mais importantes da vida do mestre, no qual todas as vozes até então divergentes, salvo as dos músicos profissionais, uniram-se para proclamá-lo digno de louros".

O primeiro movimento da Sétima inicia-se com uma das mais longas e maciças introduções da história da música sinfônica. Esse *Poco sostenuto* é construído sobre dois temas, um exposto pelo oboé solo, o segundo pelo coro das madeiras. Sua extensão faz com que essa introdução torne-se, o que era inédito, parte integrante da estrutura global do movimento. O corpo principal desse movimento (*Vivace*) baseia-se em um ritmo pontuado persistente, que o permeia ao modo do "motivo do Destino" – apresentado pela V Sinfonia anos antes –, porém com intenção bem mais amigável. O segundo movimento, o célebre *Allegretto*, é um magistral conjunto de variações sobre um tema coral, ouvido a princípio nas cordas baixas. Mais dançante até que o primeiro movimento, o *Presto (Scherzo)* é animado por uma viva energia. Mas Beethoven reserva sua mais vibrante e áspera música para o *finale, Allegro con brio*, em que ouvimos, talvez pela primeira vez nas sinfonias do compositor, o estrépito celestial de suas últimas composições – as barulhentas dissonâncias de uma mente que estava ficando surda aos sons do mundo real.

A Sinfonia nº 7, em Lá maior, opus 87, é escrita para duas flautas, dois oboés, dois clarinetes, dois fagotes, duas trompas, dois trompetes, tímpanos e cordas.



Coordenação Editorial Rui Fontana Lopez
Projeto Gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto L. Almeida
Editoração Eletrônica BVDA / Brasil Verde
Textos The Philadelphia Orchestra
Traduções Eduardo Brandão
Foto Wolfgang Sawallisch Abe Frajndlich
Fotolitos e Impressão OESP Gráfica

DEPARTAMENTO DE TEATROS

Diretor

José Carlos Benedito

Assistentes

Marcos Roberto, Débora Eduarda Resende Sindona, Dr. Fábio Dutra Perez, Maraíza Caldeira Nascimento, Rosenvalter Gerônimo da Silva, Sonia de Lourdes Cavalheiro, Suzel M. P. Godinho, Tereza Cresto Mendes, Sara G. Nosralla

Diretora da Divisão Administrativa

Branca Lopez Ruiz

THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Supervisor Geral das Atividades Artísticas e Administrativas

Vicente Amato Filho

Coordenadora Geral das Atividades Cerimoniais
Mária Rosa Tarantini Sabatelli

Coordenadora dos Corpos Estáveis

Miriam Mazzei

Administração da OSM

Arlete Marques

Inspetor

Aroldo de Brito

Administração do Coral Lírico e Paulistano

Celene Melo

Inspetores

Vera Lucia Felipe

Dilson C. da Silva

Arquivo Artístico

Nilcéia Baroncelli

Arquivistas

Elizabeth Göttel

Carlos Nunes

Silvia Pinedo

Neide Comenda

Waldemar Fransceschini

Oswaldo Mori

Copista

Israel B. de Almeida

Concertos do Meio-Dia e Vesperais Líricas

Regina Elena Mesquita

Coordenadoria Administrativa

Sandra Regina Vieira

Engenheiro

Sérgio Martins

Arquiteto

Denise de Alcantara

Manutenção

Joaquim Nunes

Agente Arrecadadora Encarregada

Elizabeth De Pieri

Coordenadoria de Cenotécnica

Cleusa Fernandez

Auxiliares Administrativas

Nancy Pires

Laise Figueiredo

Cenotécnica

Aníbal Marques (chefia)

Maquinaria

Sidney Fonseca (chefia)

Técnicos de Palco

Antonio Claudino

Carlos Ávila

Edson Astolfi

Jaime Minitti

Wagner Cardoso

Jesus Armando

José Mendonça

José Carlos Santos

Jorge Santos

Manoel dos Santos

José Muniz

Iluminação

Carlos Cafali (chefia)

Técnicos de Iluminação

Alfredo Barreto

Ivo Filho

Ivo Neto

Luciano Aparecido Paes

Luiz Adail de Souza

José de Souza

Pedro Souza

José Raul

Operadores de Mesa de Iluminação

José Raul

Anselmo Plaza

Sonoplastia

José Carlos Ribeiro

Guarda-roupa

Michi Maeda (chefia)

Malvina Gabriel

Maria Ana Santos

Maria de L. Marconato

Maria Julieta de Souza

Maria Perini

Olga Nigro

Suely dos Santos

Thomázia Donádio

Contra-regragem

Pedro Pinotti (chefia)

Marcelo Bessa

Márcio Marciano

Luiz Leão

Carlos Bessa

Janaina Magalhães

Montadores de Orquestra

Aparecido Gabriel

César Alves

Ivo Barreto

Rubens Faria

Seção de Redação Artística e

Programação Visual

Fátima Gilberti

Maria Helena dos Santos

Prefeitura do Município de São Paulo

Prefeito Celso Pitta

Secretaria Municipal de Cultura

Secretário Rodolfo Konder



Prefeitura de São Paulo



SECRETARIA MUNICIPAL



Sociedade de Cultura Artística 1998
Concerto Extra-Assinatura

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA



Prefeitura de São Paulo



cultura
SECRETARIA MUNICIPAL

EXCEL CIGNA

